WResumo executivo: Relação profissional entre Mariana Cabello Campuzano e Boaventura de Sousa Santos

Este documento examina as alegações de Mariana Cabello Campuzano (MCC), signatária da 6ª carta do coletivo de vítimas, sobre supostos atos de assédio sexual por parte de Boaventura de Sousa Santos (BSS), ocorridos supostamente durante a Escola de Verão do projeto ALICE em junho de 2016, bem como outros encontros anteriores. A declaração de MCC é apresentada como parte de uma narrativa mais ampla de denúncias, que tiveram grande repercussão mediática e académica.

Resumo dos factos

Contacto inicial com a BSS (2015): MCC, enquanto doutoranda em arquitetura, contactou a BSS por e-mail para falar sobre a sua tese. Foi recebida no CES em julho, onde gravou e enviou à BSS um vídeo da sua reunião.

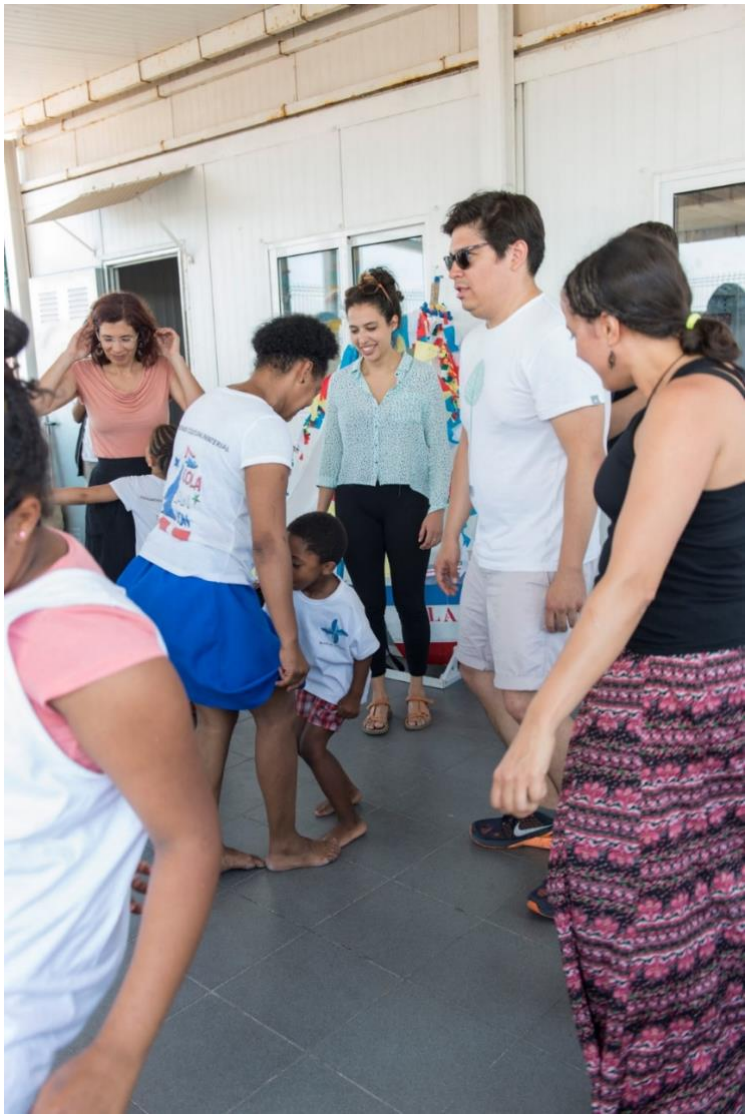
Escola de Verão (junho de 2016): MCC participou na Escola de Verão na Curia graças a uma bolsa de estudos. Denunciou que BSS lhe colocou a mão na virilha durante a exibição de um documentário. Acrescentou que, depois disso, afastou-se o mais possível do curso e quase não saiu do quarto.

Contradições e refutações:

BSS não colocou a mão na virilha durante a exibição de um documentário, mas tocou-lhe brevemente o joelho para lhe chamar a atenção para um determinado episódio do documentário. Cabello continuou a participar ativamente e com entusiasmo, como mostram as fotos.

Não houve jantar de encerramento, como afirma a MCC, mas sim a entrega dos diplomas, na qual a MCC participou com muito bom humor (prova 1: fotografia da entrega dos diplomas em 30 de junho de 2016, na qual ela aparece com um chapéu vermelho).

MCC aparece em **fotografias participando ativamente nas atividades do curso após o suposto incidente** (prova 2: fotografias da visita a Cova da Moura e de uma sessão de trabalho no dia 28).



MCC em Cova da Moura, com calças pretas e blusa verde.

MCC na sessão de trabalho do dia 28.

O **testemunho de uma colega de MCC com quem ela dividia o quarto indica que o incidente foi discutido informalmente como um mal-entendido**. Na Escola de Verão, qualquer reclamação era discutida pela coordenadora do programa, Maria Paula Meneses. Assim, quando MCC disse à sua colega que BSS lhe tinha tocado na perna, esta comentou o assunto com Maria Paula Meneses, que sugeriu que conversassem sobre isso ao pequeno-almoço do dia seguinte. Assim foi feito e, na presença de todos os comensais, tudo foi esclarecido. A situação foi um pequeno mal-entendido e MCC nem sequer mencionou que achava que o toque tinha conotações sexuais ou íntimas.

MCC fez uma **publicação no Facebook em 21 de agosto de 2016** (apenas 20 dias depois de ter sido supostamente «vítima de abuso sexual» por parte da BSS) para denunciar um abuso por parte de um homem, mas não mencionou nada sobre a BSS ou a Escola de Verão (prova 3: publicação no Facebook do dia 21 desse mês).

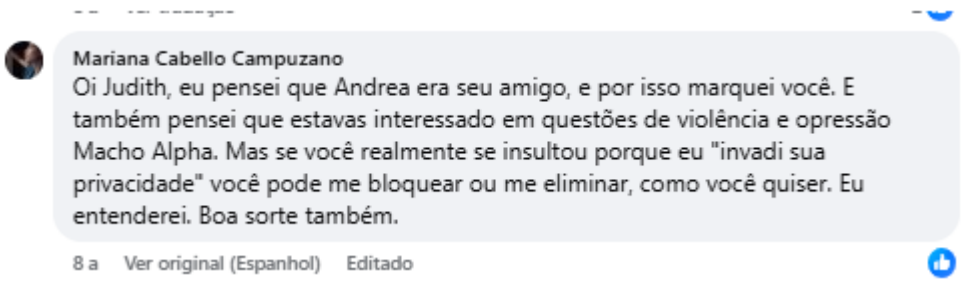
Olá, amigos do Facebook, suponho que depois desta publicação muitos irão excluir-me e agradeço-vos por isso.

Esta publicação chama-se «QUERO-TE FORA DO APARTAMENTO, AGORA». É uma frase que resume várias das doenças da nossa sociedade.

Após um inevitável desentendimento pessoal com alguém do meu antigo apartamento, e apesar de estar em dia com todos os meus pagamentos, outro dos meus ex-colegas, irritado com a situação, disse-me «QUERO-TE FORA AGORA, TENS UMA SEMANA ANTES QUE EU TIRE AS TUA COISAS DA TUA CASA». Embora esteja ciente de que se tratava inevitavelmente de uma situação tensa e, de certa forma, desconfortável para todos, pergunto-me o que leva as pessoas a ameaçar. E não qualquer ameaça: ameaçar expulsar alguém de casa. A primeira coisa que penso é que quem ameaça está sempre numa posição de superioridade e, a partir daí, sente-se capaz de incutir medo nos outros. Mas é isso que acabamos por ser em tempos de terror e especulação. Há mais nas palavras literais. «Não me tornem isto ainda mais desagradável, peguem nas vossas mochilas e vão-se embora.» Uma frase que certamente está num filme de

Hollywood. Não me faças ser mais violento é uma forma de dizer: há ainda mais violência... Sou uma fonte oculta de violência e isso é excitante e emocionante, nas mentes distorcidas de muitos cinéfilos. A minha resposta é simples. Não participo em violência gratuita. E eis porquê: parece-me que aqueles que vivem dentro desta Eurobolha não só sabem, mas sentem que o mundo exterior está a desmoronar-se. Essa informação chega até eles por canais desconhecidos, pelo próprio ar. Nem precisam de ligar a televisão. E talvez, de uma forma distorcida e inconsciente, queiram empatizar com o sofrimento global e criar os seus próprios dramas domésticos, as suas queixas, os seus mal-estares, as suas birras e defesas. É uma forma de tentar empatizar com a violência que existe lá fora? Porque nós, que vivemos um pouco dos dois mundos, queremos, sem dúvida, concentrar-nos nos problemas reais, não nos criados pelo lazer, pela ansiedade ou pela perturbação que estou a explicar aqui. E quando tento explicar este conceito de violência gratuita ao euro-miúdo mimado de 37 anos da minha ex-parceira, ele diz-me que a minha posição de «terceiro-mundista ilustrada» não lhe interessa. Quando tento explicar-lhe que por trás de cada decisão que tomo há situações reais de violência, opressão e exaustão, ele diz-me que «não está interessado nas minhas tretas». E quando lhe explico que não tenho amigos com quem sair nem dinheiro para hotéis, ele diz-me que «sou eu que tenho de arranjar a minha vida, que não lhe importa que eu não tenha amigos». Isso alimenta a minha teoria, que suponho, como «terceiro-mundista ilustrada», tenho o direito de divulgar. Tanta incompreensão e tanta violência, violência gratuita, violência vazia, violência sem sentido, devem significar alguma coisa. Pode ser a necessidade do conflito como forma de dar sentido a esta vida do primeiro mundo de paz artificial, plástica como uma garrafa de PET, paz à custa da guerra dos outros. Também pode ser uma forma de acalmar essa ansiedade defendendo um suposto território, um suposto bem-estar. Acima de tudo, tanta violência gratuita me faz acreditar que, nestes tempos, dentro ou fora da bolha, as pessoas já não vêem o MUNDO, o grande mundo, como sua casa, como seu lar. Não temos lar, talvez já nem saibamos o que é um lar. Por isso, é fácil brincar com esta ideia de banir os outros. Mas quando se quebra este simples preceito do mundo como lar, surge o caos: um desapego atroz de tudo e de todos, um cinismo mortal.

E nos comentários ao seu post, identifica a pessoa a quem se dirigia e responde a um comentário dizendo:



Testemunho de uma participante: Outra aluna do curso rejeita qualquer ambiente permissivo ao assédio, destacando a fraternidade do grupo e o respeito da BSS (prova 4: testemunho do participante no curso após ler as declarações da MCC).

Lembro-me com carinho da escola de verão de 2016. Éramos um grupo heterogéneo, de diferentes nacionalidades e com diversidade de línguas e culturas, um grupo com múltiplas subjetividades unidas pelo desejo de uma construção coletiva do conhecimento. Era um grupo alegre, espontâneo, crítico e academicamente bem estruturado. No primeiro dia, na nossa apresentação, ficou claro que todos tínhamos uma história de guerra e o sonho de construir outras possibilidades no mundo; as discussões e conversas em todos os espaços assim o demonstraram. O grupo consolidou-se rapidamente, em torno de perspetivas éticas, políticas e epistémicas, construímos fraternidade e camaradagem. À noite, as pessoas não queriam ir dormir, queríamos continuar a partilhar e a contar histórias, em meio a muito carinho havia longos abraços, carícias, mimos e beijos entre homens e mulheres, entre mulheres e entre homens, era um espaço de amor e carinho para todos nós, nunca ouvi um comentário ruim sobre algum dos colegas ou sobre o professor. Boaventura nem sempre estava connosco, pois dava as suas excelentes aulas, depois vinham os workshops e os trabalhos independentes, mas quando ele aparecia, todos queriam falar com ele; homens e mulheres disputavam um lugar à mesa onde ele se sentava para jantar, nas «tertúlias» da noite ele tinha de se esgueirar porque ninguém queria que ele fosse dormir, todos queriam um pouco do seu tempo ou uma conversa com o professor. Por isso não entendo como neste espaço supostamente ocorreram e foram silenciados atos tão delicados de assédio sexual contra alguns colegas, enquanto eu sempre vi um professor muito carinhoso, mas respeitoso e maravilhado com os processos que cada um de nós encarnava, além de sermos um grupo de grandes forças humanas e indivíduos combativos, como já disse. Então, como isso acontece?

Os contactos físicos relatados por Mariana Cabello Campuzano nunca ocorreram. Também não houve jantar de despedida nem exibição do documentário à tarde. Este documento conclui que as afirmações de Mariana Cabello Campuzano são inconsistentes e não são sustentadas por provas objetivas ou testemunhos presenciais. De facto, não existem provas imediatas nem reações proporcionais ao suposto ato.